

O prémio será entregue no decorrer das comemorações do Feriado Municipal

Henrique Levy vence Prémio Literário Carlos de Oliveira



O romance “Os Pássaros de Dódóia” valeu a Henrique Levy a atribuição do Prémio Literário Carlos de Oliveira, concurso promovido pelo Município de Cantanhede que vai já na sua sétima edição. O objetivo é homenagear um dos maiores autores de língua portuguesa da segunda metade do século XX, estimulando a criação literária e o surgimento de novos valores neste campo. O prémio será entregue no decurso da sessão solene comemorativa do Feriado Municipal de Cantanhede, na próxima sexta-feira, 25 de julho. Assinado sob o pseudónimo Nátikuté, o livro de Henrique Levy foi laureado com o prémio “pela capacidade de reconstituir o universo social e metafísico africano”. Segundo o júri, a obra evidencia um “rigor da escrita e densidade da estruturação da narrativa e pela capacidade de criar personagens, em particular a de Dódóia, personagem de mulher na qual a sagacidade que a define conduz a modelar um destino à partida desfavorável, impondo-se ao meio e conquistando um lugar de destaque na comunidade”. Além do prémio conquistado por Henrique Levy, o júri assinalou a elevada qualidade geral dos trabalhos e decidiu atribuir menções honrosas às obras “A Minha Avó Troglodita”, de Rui Almeida Paiva, e “Ano Zero”, de João Céu e Silva. Nos termos do regulamento, foram admitidas ao Prémio Literário Carlos de Oliveira obras escritas em português, em conformidade com o novo acordo ortográfico. O júri da sétima edição foi constituído por Helena Teodósio, presidente da Câmara Municipal de Cantanhede, representada pelo vice-presidente, Pedro Cardoso, Osvaldo Silvestre, em representação da família de Carlos Oliveira, António Pedro Pita, por indicação da Associação Portuguesa de Escritores, e os professores Paulo Melo e Carlos Catarino, a convite do Município. A lista de vencedores do Prémio Literário Carlos de Oliveira inclui autores de diversos países. No concurso inaugural, o prémio foi atribuído à obra “Quase Tudo Nada”, de Arsénio Mota, a que se seguiu “O Novíssimo

Testamento”, de Mário Lúcio Sousa, escritor que foi ministro da Cultura de Cabo Verde entre 2011 e 2016. Nas restantes edições conquistaram o prémio o historiador e escritor brasileiro Carlos Roberto da Rosa Rangel, com “Crime e Revolução”, o juiz brasileiro Carlos Roberto Loiola, com “A estrambótica aventura do senhor Martius Von Gloeden”, o professor António Breda Carvalho, com a “A Epopeia do Espírito Santo”, e o também professor Jorge Sousa Lima, com “ApadaDorSobre Henrique LevyHenrique Levy é poeta, romancista e ensaísta lusocaboverdiano, nascido em Lisboa (1960) e atualmente residente na ilha de São Miguel, Açores, onde é professor. Com uma identidade marcada por múltiplas pertenças, viveu em vários continentes: Europa, África, Ásia e América.É autor de oito romances, incluindo Cisne de África (2009), Praia Lisboa (2010), Maria Bettencourt (2019), Segredo da Visita Régia aos Açores (2020), Memórias de Madre Aliviada da Cruz (2021), Vinte e Sete Cartas de Artemísia (Prémio Literário Natália Correia, 2022), Bento de Goes (2023, PNL) e O Drama de Afonso VII de Portugal (2024).Na poesia, publicou nove livros individuais, nomeadamente Mãos Navegadas (1999), O Silêncio das Almas (2015), O Rapaz do Lilás (2018), Livro da Vacuidade e da Demanda do Vento (2022) e Os Teus Lábios Podaram o Sol às Laranjeiras (2025). Participou em obras coletivas (Estado de Emergência, Elementos) e coordenou a antologia Camões na Voz de Poetas Açorianos (2024).Editou e anotou a obra A Sibylla– Versos Philosophicos (2020), de Marianna Belmira de Andrade. Henrique Levy assinou vários ensaios e crónicas publicadas na imprensa e em revistas literárias. Tem também poemas e contos dispersos por diferentes revistas e antologias.É ainda coordenador da Nona Poesia, a única editora açoriana dedicada exclusivamente à poesia.